

Em directo da guerra
O impacto da Guerra do Golfo no discurso jornalístico

Testemunho de
José Rodrigues dos Santos
Universidade Nova de Lisboa
Director de Informação da RTP

Passava já das duas e meia da manhã de 20 de Março de 2003 quando se ouviu um estrondo em Bagdade. Carlos Fino e Nuno Patrício, que se encontravam na varanda do seu quarto, no 14^º andar do Hotel Palestina, deram o alerta para Lisboa. Começaram a soar os alarmes na capital iraquiana e a emissão da RTP foi imediatamente para o local.

“Eu presumo que estamos agora em directo. Portanto, eram cinco e meia daqui quando se começaram a ouvir estrondos. O hotel em que estamos sofreu um abanão e de imediato começaram a tocar as sirenes de alarme contra ataque aéreo. Neste momento essas sirenes sossegaram e voltam a

ouvir-se o chilrear dos pássaros neste amanhecer em Bagdade. Mas é um sinal claro de que está iminente, ou já mesmo começou, um ataque por parte dos Estados Unidos (...)São claramente audíveis aqui mais explosões... É um trovejar sobre Bagdade, é um trovejar sobre Bagdade. Há também... há claramente mísseis no ar. É um trovejar profundo sobre Bagdade. No entanto, as luzes da cidade continuam acesas. Os pássaros fogem e silenciam-se. Vêm-se mísseis no ar, sinais luminosos, e tudo em redor começa a explodir como num fogo de artifício. Há um fogo de artifício aparente, um fogo mortal sobre os céus de Bagdade. Há carros que circulam na cidade e as luzes mantêm-se para já acesas, a energia eléctrica continua a funcionar. Mas é um ataque fortíssimo à capital do Iraque”(Fino, RTP, 20 Março 2003).

Esta reportagem de Carlos Fino, transmitida em directo pela RTP com uma panóplia de imagens confusas, luzes dançando no céu, a voz tensa do repórter abafada pelo trovejar das explosões e das rajadas, marcou um momento simbólico nas profundas mudanças que ocorreram no mundo do jornalismo, e foi adequado que essas alterações se tenham tornado visíveis na guerra de 2003 contra o Iraque, uma vez que foi na guerra de 1991 contra o Iraque que elas começaram.

Em boa verdade, o conflito de 2003 não foi mais do que o culminar das hostilidades encetadas em 1991. Quando da eclosão da Guerra do Golfo, o mundo intuiu que era possível ver uma guerra em directo. Na noite de 16 de Janeiro de 1991, a CNN foi colocada no mapa internacional quando transmitiu o relato telefónico de três repórteres seus, entrincheirados no 9º andar do Hotel Al-Rashid, a descrever em directo para todo o mundo o início do ataque aéreo da força multinacional contra Bagdade. As primeiras palavras de Bernard Shaw, atravessando a estática do telefone, ficaram imortalizadas.

“Os céus sobre Bagdade foram iluminados. Estamos a ver flashes brilhantes por todo o céu.”(Shaw, CNN, 16 Janeiro 1991).

A reportagem em directo da CNN marcou então um decisivo ponto de viragem. Até 1991 era impensável ver repórteres de um país a descrever uma guerra a partir do território do país inimigo. Ninguém imagina jornalistas britânicos a relatar em Berlim os bombardeamentos aliados da Segunda Guerra Mundial. Além disso, até 1991 era igualmente impensável ver repórteres a relatar em directo operações militares. Mas isso aconteceu naquela madrugada de 16 de Janeiro devido essencialmente a um factor decisivo: o desenvolvimento tecnológico.

Harold Innis foi o primeiro a notar o peso que as evoluções tecnológicas na área da comunicação têm no desenvolvimento das sociedades, um conceito que seria mais tarde desenvolvido por Marshall McLuhan. A ideia fundamental é simples. As grandes revoluções sociais, económicas e de mentalidades têm

por base a tecnologia. Por exemplo, foi a tecnologia agrícola que permitiu o sedentarismo, com todas as consequências que daí advieram. Mais tarde, foi a tecnologia industrial que permitiu profundas mudanças na organização do trabalho, da economia e da sociedade, incluindo na área cultural. Sem industrialização não haveria Gutenberg, o grande responsável pela democratização da cultura e do conhecimento. Arthur C. Clarke, o cientista britânico que inventou os satélites de comunicações, defende até a tese de que as grandes decisões do nosso tempo não são tomadas pelos políticos, pelos economistas ou pelos filósofos, mas pelos engenheiros. Eles criam a tecnologia, cabe aos outros aplicá-la.

Quais foram as tecnologias que permitiram o relato em directo, se bem que apenas ao telefone, da guerra de 1991? A resposta é evidente: os satélites de comunicação e os computadores. Não foram, é óbvio, estas tecnologias que tornaram politicamente aceitável em 1991 o que era totalmente inaceitável em 1945. O que fez a diferença foram as mudanças geradas pela dinâmica dos movimentos suscitados por estas tecnologias. Os satélites de comunicação e os computadores criaram um movimento global de intercâmbio de ideias e de conhecimentos, enfraquecendo gradualmente os projectos nacionais característicos da era industrial. No mundo pós-industrial, os mercados deixaram de ser nacionais, tornaram-se globais. As decisões económicas deixaram de ser da competência exclusiva dos governos nacionais, transferindo-se para esferas transnacionais como as ocupadas pelas multinacionais ou por centros de decisão fora do território nacional. As grandes decisões económicas deixaram de ser tomadas pelo Banco de Portugal ou pelo Ministério das Finanças, e passaram a ser da esfera da Comissão Europeia, do Banco Central Europeu e da Ford-Volkswagen. Com as novas tecnologias, o mundo tornou-se global e os projectos nacionais entraram em erosão.

O relato em directo da guerra em Bagdade por três jornalistas americanos só foi possível devido a estas mudanças. Noutros tempos, os repórteres seriam julgados por traição. Mas em 1991 as suas reportagens apenas geraram protestos pouco convictos de Washington. A transmissão da CNN foi um verdadeiro acto global, transnacional, com as palavras de Bernard Shaw, John Holliman e Peter Arnett a serem consumidas em simultâneo em todo o mundo, de Nova Iorque a Nova Deli, de São Paulo a Amã, de Estocolmo a Port Moresby. As novas tecnologias tinham já gerado mudanças sociais e culturais que tornaram normal o que antes seria intolerável.

As mudanças de 1991 foram, todavia, limitadas. Os três homens da CNN fizeram, é certo, o relato da guerra em directo, mas isso aconteceu sem imagens, só durou uma noite e foi feito às escondidas, com os jornalistas trancados no seu quarto, receando uma intervenção das autoridades iraquianas e submetidos a críticas das autoridades americanas. Além disso, foi um acontecimento trans-

mitido por uma voz americana. A CNN, apesar do seu projecto internacional, está baseada nos Estados Unidos e era então formada quase integralmente por jornalistas americanos. Apesar da democratização introduzida pelos satélites de comunicações, o fluxo dominante de informação e imagens a nível mundial ainda era essencialmente de origem anglo-americana. Os únicos competidores credíveis da CNN eram as grandes cadeias americanas ou a BBC e a ITN, mais ninguém tinha acesso aos grandes orçamentos que requeriam as tecnologias inovadoras. O custo das unilaterais por satélite era proibitivo e o custo dos telefones por satélite, a grande novidade de 1991, não estava ao alcance de qualquer um.

O conflito de 2003 veio preencher as promessas deixadas em aberto pelas hostilidades de 1991. O ataque anglo-americano foi lançado a 20 de Março, mas a primeira estação de televisão do mundo a noticiar o início da guerra não foi a CNN nem a BBC nem a ITN nem qualquer estação americana. Foi a RTP. As palavras em directo de Carlos Fino marcaram simbolicamente uma mudança de fundo no panorama do jornalismo internacional. Já não é preciso ser um gigante para ter acesso às tecnologias necessárias que permitem a uma estação estar na vanguarda da informação internacional. Basta um videofone, um instrumento barato e com custos de transmissão dez vezes inferiores ao de um equipamento de alta definição, e um pouco de astúcia para bater a concorrência. A CNN levou três minutos a dar a informação transmitida em directo por Carlos Fino na RTP, e fê-lo apenas ao telefone, enquanto o jornalista português estava em directo com imagem a mostrar os acontecimentos. E, dois dias mais tarde, quando as forças anglo-americanas lançaram o grande bombardeamento contra Bagdade, as imagens que transmitiram o ataque em directo para todo o mundo voltaram a não ser as das estações anglo-americanas, mas antes da Al Jazira e da Abu Dhabi TV.

Outra importante alteração tem a ver com a natureza do directo. Em 1991, o relato de Shaw, Holliman e Arnett foi feito ao telefone, durou apenas uma noite e decorreu às escondidas. Em 2003, o relato de Carlos Fino e de todos os outros jornalistas que se encontravam no Hotel Palestina foi efectuado com imagem, durou toda a guerra e decorreu perante os olhos dos iraquianos. É importante notar, todavia, que, neste aspecto, o conflito de 2003 não foi pioneiro. A primeira acção militar transmitida com imagem em directo pela televisão foi a operação de 1998 contra o Iraque, quando a CNN transmitiu as imagens dos bombardeamentos da Operação Raposa do Deserto, com relato em directo de Christianne Amanpour em Bagdade, as câmaras equipadas com sistema de *nightvision* que permitia ver os mísseis e o fogo das antiaéreas em verde-negro.

Mas se a guerra de 2003 trouxe a novidade da democratização do *scoop*, com pequenas televisões como a RTP, a Al Jazira e a Abu Dhabi TV a bater as grandes anglo-americanas, as mudanças no tipo de cobertura jornalística não

se ficaram por aqui. Foi em 1991 que pela primeira vez houve um relato em directo de uma guerra, se bem que áudio, e foi na operação de 1998 que pela primeira vez houve um relato em directo com imagem de um bombardeamento. Mas nunca ninguém tinha visto imagens em directo de um campo de batalha. Esse derradeiro passo foi dado em 2003.

Quando as forças americanas pensaram no relacionamento que iriam ter com os jornalistas na altura em que eclodisse o último acto da Guerra do Golfo, decidiram retomar o conceito de “integrado” (*embedded*), que vinha da Segunda Guerra Mundial, quando os correspondentes faziam parte das forças militares e tinham até a patente de capitães. Ou seja, os militares optaram por integrar jornalistas nas suas unidades de combate. Foi uma decisão arriscada, uma vez que colocava em perigo o segredo operacional e expunha as suas forças ao escrutínio implacável dos repórteres, mas, aliada às inovações tecnológicas entretanto ocorridas, esta opção veio revelar-se revolucionária.

Ao integrar os jornalistas nas unidades, os responsáveis do Pentágono impuseram várias condições. Qualquer jornalista integrado teria de se sujeitar a um treino militar, teria de acompanhar sempre as forças militares e estava proibido de fazer descrições precisas sobre os locais onde se encontravam e as forças que constituíam a sua unidade. Além disso, os oficiais tinham o direito de rever os despachos dos repórteres para os expurgar de informações que pudessem pôr em risco a segurança operacional das suas missões.

A compensação por todos estes inconvenientes e estas restrições não era de menosprezar. Os correspondentes de guerra teriam acesso ao campo de batalha, algo que não acontecia desde a Guerra do Vietname. Percebendo plenamente o alcance dessa situação, as televisões americanas e britânicas compraram jipes militares e equiparam-nos com videofones. As antenas foram amarradas aos tejadilhos e, com a ajuda de uma espécie de osciloscópio e de um sistema de GPS, conseguiu-se mantê-las sempre viradas para o satélite, independentemente da direcção e velocidade dos veículos. Tal bastou para assegurar a transmissão ininterrupta das operações, apesar do movimento das colunas militares e dos jipes dos repórteres.

O resultado foi espantoso. Quando, na noite de 21 de Março, as forças anglo-americanas cruzaram a fronteira do Kuwait e entraram no Iraque, as televisões mostraram em directo o acontecimento. As imagens eram de difícil leitura, vendo-se apenas pontos luminosos no meio da escuridão, mas o passo pioneiro estava dado. Ao nascer do dia, na manhã de 22 de Março, vieram as primeiras imagens perceptíveis. O repórter Walter Rogers mostrou, em directo na CNN, as imagens dos blindados do 7^o de Cavalaria literalmente a cavalgar pelo deserto iraquiano a enorme velocidade em direcção a norte. A transmissão durou mais de uma hora e deixou os telespectadores agarrados aos ecrãs. Na mesma altura,

a Fox e a CBS mostravam em directo a progressão da coluna da 3ª Divisão de Infantaria. No dia seguinte vieram imagens ainda mais surpreendentes. A CNN mostrou em directo um combate, com os homens do 7º de Cavalaria a disparar contra uma posição iraquiana. Dias depois, a CBS transmitiu em directo uma batalha sobre o Eufrates, enquanto a CNN mostrava, também em directo, o 7º de Cavalaria a ser atacado por franco-atiradores, o som das rajadas a reverberar pelo videofone como teclas de máquinas de escrever. Nunca se tinha visto nada assim em televisão.

Para fazer esta cobertura, os repórteres submeteram-se às duras condições do terreno. Passaram dias sem dormir, comeram magras rações de combate, não tiveram acesso a água corrente nem dispuseram de liberdade de movimentos. A imagem de corpos carbonizados e mutilados tornou-se uma rotina na sua experiência e nunca os correspondentes tiveram oportunidade de abandonar as colunas que integravam para fazer reportagem.

No final, muitos disseram que jamais repetiriam a experiência mas, contraditoriamente, consideraram-na globalmente positiva. “As experiências variam, mas alguns de nós verificaram que gozavam de uma surpreendente liberdade”, comentou o repórter “integrado” da Reuters, Andrew Gray, observando que “nenhum oficial permaneceu junto de nós quando falávamos no telefone-satélite com os nossos superiores hierárquicos nem alguma vez alguém leu as nossas reportagens antes de as enviarmos”(Gray, Reuters, 18 Abril 2003). Alguns jornalistas foram expulsos, como o repórter tabloide da Fox, Geraldo Rivera, acusado de divulgar informação operacional sensível, mas estas raras situações ocorreram depois da reportagem, não antes.

Mais difícil de controlar foi a inevitável cumplicidade que se estabelece entre homens em perigo. Os repórteres queriam naturalmente manter boas relações com os soldados que os protegiam, alimentavam e lhes davam acesso ao campo de batalha. Alguns repórteres deram consigo, a partir de certa altura, a descrever os iraquianos como sendo “o inimigo”, e houve um que concluiu estar a sofrer do Síndrome de Estocolmo, devido à relação de empatia que desenvolveu com os soldados. Uma situação deste género não decorreu sem consequências. Um repórter decidiu não publicar os nomes dos soldados que ele sabia terem cometido crimes de guerra, embora tivesse noticiado essas situações.

Feitas as contas, ninguém tem dúvidas de que, como dizia o senador Hiram Johnson, “quando uma guerra começa, a primeira baixa é a verdade”(Knightley, 1975), e a Guerra do Golfo, que eclodiu em 1991 e terminou em 2003, não foi excepção. Mas raras foram as guerras onde, apesar das muitas verdades que ficaram por expor, se tenha ido tão longe no esforço de relatar os acontecimentos. As sociedades pós-modernas estão assentes nas tecnologias da comunicação, e quanto mais informação circular mais difícil é controlá-la.